

Livrarias-editoras em Belo Horizonte-MG: Breve história, cenário contemporâneo e perspectivas¹

Ana Elisa RIBEIRO²

Pablo Araújo GUIMARÃES³

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Resumo

Neste trabalho, com base em pesquisa bibliográfica, traçamos uma breve história das livrarias de Belo Horizonte, capital das Minas Gerais, e, especialmente, focalizamos as livrarias de rua que se tornaram pequenas editoras, com atuação importante no cenário mineiro e mesmo nacional, nos dias que correm. As livrarias Crisálida, Quixote e Scriptum são descritas e apresentadas, num contexto de concentração e de existência de grandes redes livreiras que poderiam ameaçá-las. Os donos das lojas e dos selos editoriais foram entrevistados, a fim de que pudéssemos registrar e sistematizar a história dessas empresas. Oferecemos um registro desse episódio histórico contemporâneo das livrarias-editoras de rua em Belo Horizonte, já que tais iniciativas parecem bastante ligadas aos afetos, aos desejos e às contingências históricas de seus empreendedores.

Palavras-chave

Editora; Pequenas editoras; Livraria; Livraria de rua; Cadeia produtiva do livro.

Ler livros na Colônia, nas Minas, no Curral Del Rei e em Belo Horizonte

O circuito de criação e circulação do livro só ocorre porque existe cooperação entre “atores sociais” (Martins, 2005), em todas as etapas, estando entre esses atores o livreiro e a livraria ou ponto de venda. Apesar da falta de dados e documentos específicos sobre esse aspecto da edição no Brasil, conforme denuncia Machado (2008), sabe-se que os livros já circulavam na Colônia, nos séculos XVI e XVII, embora seja quase certa a “inexistência de pontos de venda” (Machado, 2008, p. 17). Os livros vinham trazidos de Portugal, geralmente sob encomenda.

Nas Minas Gerais, Ouro Preto, maior e mais rica cidade brasileira dos séculos XVII e XVIII, foi o lugar que ensejou uma vida intelectual e a circulação de livros. Lá, o

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014.

² Docente do PPG em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, atuando na linha IV – Edição, Linguagem e Tecnologia. anadigital@gmail.com

³ Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG; editor assistente da Mazza Edições. pguimaraes76@gmail.com

capitão Manuel Ribeiro dos Santos, em 1750, era dono de uma livraria, “talvez a primeira das Minas e uma das primeiras do Brasil. A loja comerciava com produtos da terra (provavelmente queijos, doces, sabão) e importados de Portugal: roupas, chapéus, botas, velas, cera, cobertores. E livros” (Machado, 2008, p. 23). Há indícios de outros livreiros por lá: Domingos José Marques, na freguesia de Antônio Dias, e Manuel Peixoto Guimarães, junto à Ponte de São José. Segundo Abreu (2010), talvez houvesse sinais de atividade editorial também no Rio de Janeiro, por parte de portugueses ali radicados, filhos de Paulo Augusto Martin. Tão logo a Impressão Régia deixou de ser monopólio, em 1821, surgiram as tipografias, sendo que duas delas foram instaladas em Vila Rica – a Patrícia e a Provincial –, cidade próspera e movimentada, à época.

Nos séculos XVII e XVIII, os Jesuítas foram os primeiros a comercializar livros. Eram feitas apenas obras piedosas, vendidas no colégio da ordem, no Morro do Castelo, no Rio de Janeiro. Quem desejasse outro tipo de livro tinha de encomendar a livreiros do Reino ou a amigos que embarcavam para lá (Machado, 2008, p. 21). “No final do século XVIII, o comércio de livros se intensificou, inclusive com a vinda de livreiros portugueses à cidade, interessados nas promissoras possibilidades da colônia” (p. 21-22). No ano de 1794, o *Almanaque do Rio de Janeiro* indicava a existência de duas livrarias na cidade.

Cinco anos depois, segundo o *Almanaque Histórico*, de Duarte Nunes, continuava havendo apenas duas livrarias. Mas havia outros locais onde se vendiam livros, pois é bom lembrar que, na época, o comércio ainda não se especializara e livros podiam ser encontrados em muitos tipos de negócio, entre selas, alho, artigos de papelaria. (Machado, 2008, p. 22)⁴

É importante frisar que a atividade de livreiro incluía todos os que trabalhassem com livro, podendo se referir a pequenos pontos de venda: “Seria um comércio medíocre e restrito a livros usados, efetuado em empórios ou em lojas de encadernação, cuja existência, entre nós, precedeu a das livrarias” (Machado, 2008, p. 17). Também é fundamental dar crédito à inestimável colaboração de estrangeiros na história das livrarias brasileiras, sendo as mais importantes fundadas por franceses, alemães e portugueses, especialmente no século XIX.

Em uma breve cronologia coletada em Machado (2008), é possível indicar livrarias em Belo Horizonte, nosso foco neste trabalho. A cidade, inaugurada em 1897, havia sido projetada para ser a capital das Minas Gerais, a despeito da candidatura de outras, como Juiz de Fora, já desenvolvida e contando com a livraria Dias Cardoso ou Contemporânea, fundada em 1880. A Dias Cardoso era também editora, tendo lançado vários autores

⁴ Algumas redes de livrarias atuais em muito se parecem, ainda, com este tipo de comércio “diversificado”.

mineiros. Chegou a instalar filial em Belo Horizonte, nos anos 1920 (na Praça 12 de Outubro), mas parou de editar. Existiu até meados de 1950.

Propriamente na região de Belo Horizonte, Machado (2008) aponta as seguintes livrarias, do final dos 1900 até meados do século XX:

- Oliveira Costa, fundada em 1886, no arraial do Curral Del Rei, quando começava-se a debater a nova capital. Com a inauguração da cidade, em 1897, a livraria modernizou-se e instalou-se na avenida Afonso Pena, 1050. Era mais papelaria do que livraria, nunca funcionou como ponto de encontro de intelectuais, que preferiam conversar na calçada ou no Bar do Ponto. Iam lá só espiar os livros. Concorreu com a Francisco Alves, em 1910. Fechou as portas em 1970.

- Francisco Alves, filial da livraria instalada no Rio de Janeiro, anos antes. Foi inaugurada em 16 de junho de 1910, na rua da Bahia, 1055, o que foi tratado como um acontecimento social. Era considerada melhor do que as pequenas livrarias que existiam. Tornou-se ponto de reunião de intelectuais, artistas e leitores. Drummond desejou livros de suas vitrines e, em 1920, morando em BH, tornou-se assíduo frequentador, assim como Pedro Nava, Milton Campos, Gustavo Capanema, entre outros. Mais tarde, instalou-se na rua Rio de Janeiro, 565.

- Oscar Nicolai, 1940, foi importante como a Francisco Alves uns anos antes. O proprietário era um argentino de Buenos Aires, representante da editora Globo, que ganhou dinheiro e instalou-se em BH, na Avenida Afonso Pena, 774-776, endereço caro na época. Durante a Segunda Guerra Mundial, diante das importações restritas, Nicolai trouxe muitos livros da Argentina, do Chile, do Uruguai e do México. Era uma livraria grande, chegando a ter 50 funcionários. Vendia papelaria e revistas. Muitos escritores a frequentaram. Nicolai era um comerciante ativo, participava da vida da livraria como um funcionário comum. Foi um dos fundadores do Clube de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte.

- Amadeu, 1948, rua dos Tamoios, 238, o mais antigo alfarrabista em atividade.

- Rex, final da década de 1940, na Praça 7, a mais importante da cidade, consumiu-se em um incêndio.

- Moraes, final da década de 1940, na rua Espírito Santo, 594.

- Itatiaia, de 1952, muito badalada até os anos 1970. Ficava no edifício Dantés, na avenida Amazonas, 491. Foi uma das maiores e mais completas livrarias do país, tendo sua fase áurea na década de 1960. Era ponto de encontro de escritores. Depois, mudou-se para a legendaria Rua da Bahia, 916. Transformou-se, mais tarde, em editora, tornou-se apêndice desta, no bairro da Floresta.

Segundo Lindoso (2004), não havia mais do que 30 livrarias no Brasil de 1918, conforme informava Monteiro Lobato, em uma carta. No entanto, os números não são confiáveis a esse respeito. É de interesse frisar, especialmente para o intento deste trabalho, que “o início do negócio editorial se deu quando livrarias se transformaram, progressivamente, em editoras” (Lindoso, 2004, p. 122), movimento que continua a ocorrer e a mover o mecanismo da produção editorial. Desde sempre, as livrarias percebiam algum nicho e publicavam, por si mesmas ou pelo financiamento de edições por jovens abastados.

Bragança (2002), ao refletir sobre o ofício da edição e as características do impressor-editor, o livreiro-editor e o editor, destaca o surgimento de livrarias no Brasil e a importância de algumas livrarias-editoras que contribuíram para a história editorial brasileira:

Embora menos do que impressores-editores, os quais, além de livros e periódicos, tinham também os serviços de tipografia e impressos em geral para oferecer, para garantia de continuidade de seus negócios, surgiram com os novos tempos muitas livrarias, pelo Brasil afora. Dentre elas, destacam-se: em Campos, na província do Rio de Janeiro, a Ao Livro Verde, em 1844, ainda hoje em atividade; no Maranhão, a Livraria Universal, em 1846, e a Livraria Borges, em 1875; em Minas, a Livraria Oliveira Costa, em 1886; em Belém, do Pará, a Livraria Clássica, em 1885; no Recife, a Livraria Contemporânea, em 1888.

No Rio de Janeiro podem incluir-se na categoria de livrarias-editoras: a de Serafim José Alves, fundada em 1871, depois dirigida por Jacintho Ribeiro dos Santos; a Livraria dos Irmãos Cruz Coutinho; a Livraria Moderna, de Domingos Magalhães & Cia.; a Livraria do Povo, do livreiro-editor Pedro da Silva Quaresma, de 1879; a Livraria Castilho; a Livraria H. Antunes, que editou livros e folhetos populares, assim como a Livraria João do Rio, de Savério Fittipaldi. (Bragança, 2002, p. 20-21)

Outro motor da edição foi o crescimento do sistema escolar brasileiro, que formou público ao menos para o consumo de certos livros. Apesar disso, são sempre denunciados o número baixo de livrarias no país e o sistema de distribuição precário.

Araújo (2012), em um trabalho específico sobre a biblioteca privada do intelectual mineiro Arduíno Bolívar, atualmente parte do acervo de coleções especiais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aponta as marcas de circulação dos livros que a compuseram. Tal acervo é formado, segundo a pesquisadora, por parte dos livros vendidos

no Brasil do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, sendo os selos de livrarias bastante úteis na configuração do mapa das livrarias existentes na época, em BH. A Francisco Alves é mencionada em carta de Mario Casassanta de 1952, além de outros 4 livreiros, 6 livrarias de Lisboa e de Paris, 6 de São Paulo, 12 de Minas Gerais (Belo Horizonte, Cataguases, Ouro Preto e Juiz de Fora) e 26 do Rio de Janeiro. Alguns selos das livrarias são apresentados pela autora como marcas de circulação importantes.

Com base nesses números, é possível desenhar certa história desse comércio na cidade, sem cruzar o século XX. Uma visada impressionista, no entanto, pode nos levar a afirmar que o número de livrarias, no século XX, continua baixo, muito embora as questões de nosso tempo sejam outras, em relação às de décadas ou séculos atrás.



Figura 1: Encadernadores e livreiros da coleção de Bolívar.
 Foto: Diná Araújo/Divisão de Coleções Especiais da BU-UFGM.

Humberto Werneck (2012) nos leva a um passeio pelo século XX, até os anos 1970, permitindo que espiemos pelas frestas da vida intelectual belo-horizontina a circulação dos livros e a existência de livrarias. Castro et al. (1997) também permitem passeio assim, porém mais focado nos jornais. Com Werneck, é possível divisar melhor os cafés, confeitarias e leiterias onde escritores se encontravam, perto do quarteirão dos jornais (rua Goiás). Segundo o autor, certo livro de Aníbal Machado

poderia ter saltado das mãos dos jornalheiros para as estantes das livrarias, se a Belo Horizonte de então [anos 1920] dispusesse de uma editora que fosse. Nesse terreno deserto, a cultura mineira deve muito a uma iniciativa de Eduardo Frieiro, a cooperativa Os Amigos do Livro [anos 1970]. Ele próprio, alguns anos depois, considerou-a sua “mais interessante criação literária. (Werneck, 2012, p. 63-64)

A Edições Pindorama, criada por Frieiro nos anos 1920-30, contava com 20 sócios e funcionou até 1937. Os livros eram rodados nas máquinas da Imprensa Oficial. Estavam entre os sócios Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Aníbal Machado, Guilhermino Cesar e Abgar Renault. O próprio Frieiro, em atitude muito semelhante ao que se vê ainda hoje, escolhia formato, tipos, papel e acompanhava a impressão na oficina. É nesse “terreno deserto” ou na “cidade que Gutenberg esqueceu”⁵ que se desenvolve grande parte da literatura nacional⁶.

Tomando a Werneck (2012) outra breve cronologia, é possível esboçar uma vida literária que envolvia o comércio livreiro na capital de Minas. Havia “bichos literários soltos pelas ruas de Belo Horizonte” (p. 131), referindo-se à turma do escritor e editor Fernando Sabino, que se encontravam conforme o cronista descreve:

Um dos pontos de encontro dos jovens escritores, na Belo Horizonte dos anos 40, além da praça da Liberdade e de algumas livrarias, como a Civilização Brasileira, a Alemã e a Oscar Nicolai, era uma leiteria – a Nova Celeste, assim chamada porque havia uma outra Celeste, na rua Rio de Janeiro.

Na Nova Celeste praticava-se uma bizarra boemia, à base de café com leite, broa de fubá, biscoito de polvilho e pão de queijo. A novidade, em relação a outros estabelecimentos das imediações, naquela Belo Horizonte de 214 mil habitantes, é que a suas mesas costumavam sentar-se também algumas moças de família, muitas delas aspirantes à literatura – para a imensa inveja do poeta Emílio Moura, cuja roda literária, nos anos 20, tinha sido exclusivamente masculina. (Werneck, 2012, p. 135)

No final dos anos 1950, a Livraria Oscar Nicolai é reiteradamente citada como ponto de encontro dos escritores. Nos anos ‘60, é a vez da Livraria do Estudante, especialmente para o grupo chamado “geração Suplemento”. Situada então “numa tristonha galeria da rua Espírito Santo, esquina com Tupis”, era “lugar de reverenciar visitantes ilustres, como Clarice Lispector” (Werneck, 2012, p. 195). Música, eventos, lançamentos de livros faziam parte do ambiente.

Os livros a que tivemos acesso sobre livrarias em Belo Horizonte não dão conta dos anos 1970 em diante. Uma história recente do circuito do livro nos últimos 40 anos

⁵ É como Werneck intitula do capítulo 8 de seu livro. Cf. referências bibliográficas.

⁶ Décadas mais tarde, em 2000, Sebastião Nunes, escritor e editor mineiro, também iniciaria empreendimento coletivo na histórica cidade de Sabará. Com a colaboração de 40 cotistas, ele criou sua editora de livros infantis e infantojuvenis, a Dubolsinho. Assim como Frieiro, Nunes tem prazer em definir as características gráficas e acompanhar toda a produção dos livros.

ainda precisa ser escrita. Trata-se, no entanto, de nosso tempo de vida, época que nos é acessível pela memória particular. Em relação às editoras, o trabalho de Matarelli e Queiroz (2009) pode lançar luzes sobre o cenário mineiro. E já estão lá as livrarias-editoras Crisálida e Scriptum, ao menos, que merecerão, aqui, descrição e análise.

Esse, portanto, é um cenário comum e conhecido na capital. O que não nos parece desprezível, no entanto, é a existência de livrarias que se transformam em editoras, atuando, portanto, nas duas pontas do processo, isto é: produzindo e vendendo os livros.

Pelo menos três casos contemporâneos de livrarias que passam a atuar como editoras nos parecem dignos de nota⁷. O primeiro é o da livraria Crisálida⁸, localizada no edifício Arcangelo Maletta, no centro de Belo Horizonte, há 15 anos. A empresa do livreiro Oséias Ferraz tem investido na produção de livros de literatura e em traduções, com primor e preocupação com a alta qualidade dos textos e dos projetos gráficos. No mesmo sentido, a livraria Scriptum⁹, do livreiro Welbert Belfort (Betinho), fundada em 1997, localizada na Savassi, vem atuando como editora de obras literárias e de psicanálise, incluindo a publicação de poetas nacionalmente reconhecidos. Por fim, Alencar é o responsável pela livraria e editora Quixote¹⁰, também na Savassi, na mesma rua onde se localiza a Scriptum. A Quixote tem 11 anos, sendo a editora bem mais jovem.

Eventos como esses, ligados à história editorial de Belo Horizonte, merecem registro e sistematização por sua grande importância no cenário cultural da cidade, mas também porque pesa sobre eles a probabilidade de serem projetos menos duradouros do que desejaríamos (#qpna). Sendo iniciativas bastante relacionadas aos seus donos e empreendedores, casos como os das livrarias Crisálida, Quixote e Scriptum podem não encontrar continuidade no futuro, muito embora os efeitos positivos dessas ações editoriais possam ser lembrados para sempre.

Este trabalho visa ao registro e à sistematização das origens e da história das livrarias-editoras que atuam contemporaneamente em Belo Horizonte, por meio das fontes orais de que dispomos hoje: donos, autores e funcionários que participam desses processos.

⁷ Há vários outros, como o selo Asa de Papel, do livreiro Álvaro Gentil, que não abordamos na pesquisa que deu origem a este trabalho. #ficaadica

⁸ A livraria e a editora Crisálida foram inauguradas em 1999, conforme informação dada por Oséias Ferraz, via Facebook. Além de ser proprietário e editor da livraria-editora Crisálida, Oséias Ferraz é o coordenador editorial da Coleção Clássica, da editora mineira Autêntica, que tem publicado textos clássicos com novas traduções.

⁹ Inaugurada em 1997 como livraria. O selo editorial veio em 2004, segundo o site institucional. <<http://www.scriptum.com.br/portal/livraria-editora-scriptum>>

¹⁰ A livraria Quixote foi inaugurada em 2003. A editora passou a existir em 2012. Informações dadas via Facebook.

Décadas recentes

Como descrevem historiadores e cronistas do cenário intelectual do Brasil, de Minas Gerais ou de Belo Horizonte, as livrarias cumpriam um papel importante como ponto de venda de livros, ajudando a compor acervos importantes, mas também funcionavam como ponto de encontro da intelectualidade das cidades. É o caso da capital mineira, que teve nas livrarias Francisco Alves, Nicolai e Estudante, ao menos, centros de conversações que agregavam escritores de diversas gerações, inclusive simultaneamente.

Diz Machado (2008, p. 19): “(...) um bom número, se não a maioria dos livreiros do interior trabalham contra vento e maré, vivem a milímetros da falência, sem reconhecimento da comunidade, mas prestando um trabalho inestimável. Por vezes, são puros Quixotes. Merecem reconhecimento”. Não à toa, uma das livrarias foco de nosso trabalho leva justamente o nome de Quixote. Embora estivesse tratando de cenários passados, as palavras de Machado ecoam e soam como atuais.

Com relação às questões enfrentadas hoje, Machado (2008, p. 20) aponta que as pequenas livrarias sejam: “*Avis raras*, em choque com tendências cada vez mais fortes de monopólio do mercado livreiro por grandes grupos, com imenso prejuízo para obras de menor apelo comercial (às vezes renovadoras e até mesmo revolucionárias) e o aspecto humano”. Segundo o autor, sem conhecer o cenário belo-horizontino atualíssimo:

As antigas livrarias, em paralelo às suas atividades comerciais, tinham uma história humana, vida literária, frequentadores assíduos, amizade entre livreiros e fregueses. Estes, muitas vezes, faziam do estabelecimento um prolongamento de sua casa ou de seu escritório. Sentavam-se, conversavam durante horas, deixavam recados e correspondência, iam ao bar da esquina tomar um café com o livreiro ou com um vendedor. O bom relacionamento, por vezes fraternal, entre livreiros e clientes era uma característica desse tipo de comércio.

No entanto, à medida que a atividade livreira foi se tornando mais moderna e complexa, as relações cordiais foram sendo definitivamente relegadas a segundo plano, acentuando-se de maneira aguda em nossos dias com as novas filosofias de vendas, o gigantismo das lojas, as máquinas de consulta, a praticidade crescente das relações humanas, em verdade uma forma de frieza e distanciamento em relação ao semelhante. (Machado, 2008, p. 20)

O desaparecimento das pequenas livrarias, em que o dono atua como funcionário ou muito próximo dos clientes, à maneira de Oscar Nicolai, nos anos 1940, é tratado como certo, já que esses comércios “parecem estar com os dias contados. Como a cordialidade humana” (Machado, 2008, p. 20). No entanto, é esse o perfil da Scriptum, de “Betinho”, da Quixote, de “Alencar” e da Crisálida, de “Oséias”. As três atuam também como editoras e,

em menor ou maior grau, como espaços de encontro, lançamentos de livros e outros eventos.

Essa atuação quase acintosa, no entanto, acontece à custa de esforços incessantes, incluindo-se um trabalho conjunto dessas livrarias “de rua”¹¹, além da resistência às grandes redes livreiras, isto é, no caso de Minas, a *Leitura*¹². A história e a atuação das livrarias de rua e pequenas editoras *Crisálida*, *Scriptum* e *Quixote* serão conhecidas na seção que se segue, com base em entrevistas feitas com seus donos e fundadores¹³, respectivamente, Oséias Ferraz, Welbert Belfort e Alencar Perdigão.

Quixotes?

Em um cenário cuja concentração é cada vez maior, quando pensamos em pequenas editoras imediatamente associamos a atividade do editor à paixão pelo livro, à resistência, ao desejo de fazer diferente. Com as pequenas livrarias a realidade é semelhante. Questionados sobre a motivação para iniciarem o empreendimento, os livreiros-editores entrevistados destacam [a] o prazer na relação com o livro, [b] a importância de experiências anteriores e [c] a identificação de lacunas deixadas pelas grandes redes como fatores relevantes para a abertura das livrarias.

Começo e experiências

Oséias Ferraz, da *Crisálida*, considera sua trajetória de leitor voraz e comprador de livros determinante para se decidir por “unir o útil ao agradável”:

Resolvi transformar o que era um prazer em negócio. Trabalhava na área financeira na época, resolvi mudar de atividade e trabalhar com que eu gosto e, resolvi montar a livraria. Ter um negócio que pudesse me sustentar e que ao mesmo tempo ser uma coisa de que eu gosto, que é estar rodeado de livros. A ideia é basicamente essa. E junto com a livraria resolvi também fazer a editora. (Oséias, *Crisálida*)

Para Alencar, da *Quixote*, a longa experiência no trabalho com livros fez, com o tempo, crescer o sonho de ter sua própria livraria. Em seguida, a ideia de editar foi amadurecendo aos poucos:

¹¹ Duas livrarias-editoras citadas neste trabalho - *Quixote* e *Scriptum* -, além de outras três livrarias de rua de Belo Horizonte - *Floriano*, *Mineiriana* e *Ouvidor* -, criaram uma associação que tem como objetivos principais o planejamento de ações coletivas e o fortalecimento das atividades desenvolvidas pelas livrarias de rua. Peixoto (2013) trata a rua das livrarias em BH como “corredor literário”.

¹² Curiosamente, redes grandes como a *Cultura*, de São Paulo, não chegaram a Belo Horizonte.

¹³ Agradecimentos à bolsista de Iniciação Científica Sara Franck e às voluntárias Edilaine Almeida, Ana Moreira e Lorena Carmo, responsáveis pelas gravações e transcrições. Agradecemos o apoio do CNPq e do CEFET-MG.

A Quixote hoje tem uma marca muito conhecida no mercado editorial. É reconhecida por ser frequentada por grandes leitores, conhecida pelo atendimento, pela seleção dos livros. E agora é hora de eu publicar meu selo, que é a Quixote. (Alencar, Quixote)

Interessante frisar que as características apontadas por Alencar sobre sua livraria (atendimento, seleção) lembram muito a relação descrita e mesmo defendida por Machado (2008) em relação à cordialidade e ao conhecimento dos livreiros sobre seu ofício. Ao que parece, e ao contrário do que pensava Machado, isso não acabou – ainda.

O Betinho, da Scriptum, destaca como ponto de partida para seu empreendimento sua experiência na área cultural, iniciada quando cursava História na Universidade Federal de Ouro Preto. Depois da mudança para Belo Horizonte e de passar dois anos trabalhando em uma livraria, decidiu montar seu próprio negócio. Alguns anos depois, a editora também tornava-se realidade:

Comecei a editar timidamente, claro, com um receio, medo. Mas quando eu estava no meu terceiro ou quarto livro, meu primeiro livro já tinha caído no vestibular da UNI-BH¹⁴. (Betinho, Scriptum)

Futuro e desafios atuais

Em relação ao futuro de suas livrarias e do mercado livreiro em geral, os entrevistados reconhecem que o período é de transição, mas que o cenário atual indica um possível aumento das dificuldades devido às novas possibilidades de comercialização oferecidas pelas novas tecnologias e à concorrência cada vez mais desigual com as grandes redes e com as próprias editoras, que, em sua maioria, comercializam seus livros pelos próprios sites¹⁵.

Schiffrin (2011), ao discutir a presença crescente dos grandes conglomerados midiáticos no jornalismo e no mercado editorial e apresentar alternativas que têm sido encontradas em diferentes países, destaca o problema crescente da diminuição das livrarias independentes e cita o exemplo de Nova York:

Ao todo, existiam 333 livrarias em Manhattan em 1945. Agora a cidade possui cerca de trinta, incluindo as lojas de grandes cadeias. Os aluguéis altos foram uma das razões. A outra causa mais importante é que não existe uma *loi Lang*, ou seja, uma lei que proíba vender livros com descontos, como existe na França. As grandes cadeias de livrarias construíram implacavelmente suas lojas bem ao lado

¹⁴ O livro *Trívio*, do poeta mineiro Ricardo Aleixo, foi indicado para o vestibular do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), em 2002.

¹⁵ Em Ribeiro (2014), é possível divisar essa questão quanto às pequenas editoras que se movimentam, em todo o país. A venda direta de livros pelos sites tem sido um dos modos de concorrer com grandes editores e livreiros. Para as microeditoras, trata-se de uma solução, não de um problema. O fato de mesclar atividades de editora e de livraria traz algumas questões.

de suas rivais independentes e ofereciam preços muito mais baixos até a competição ser pouco a pouco exterminada. (Schiffrin, 2011, p. 68-69).

Além de ressaltarem a importância das ações coletivas e da valorização das pequenas livrarias como espaço de encontro e discussão, os entrevistados também destacam a necessidade de se buscar um diferencial para conseguirem sobreviver num mercado tão concorrido. Betinho enfatiza que o preenchimento de lacunas deixadas pelas grandes redes e a atuação em alguns nichos é algo fundamental para a Scriptum:

No meu caso de livraria, eu tenho algumas áreas que as grandes redes não me incomodam em nada, porque só eu tenho no Brasil, não é nem em Belo Horizonte, só eu tenho no Brasil. Porque são livros que um número de clientes e pesquisadores ou estudiosos não vão encontrar nas livrarias. Então eu vendo para São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina, Paraná. Sem ter livraria online, é isso que me ajuda. (Betinho, Scriptum)

A possibilidade de publicar livros que não encontrariam em editoras maiores e de apostar em autores ainda desconhecidos é exaltada pelos livreiros-editores de Belo Horizonte como principal estímulo para decidirem unir o ofício de livreiro ao de editor. Oséias afirma que

a ideia de montar a editora é exatamente colocar em circulação alguns livros que eu gostaria de ver circulando, que provavelmente nenhuma editora publicaria, fazer traduções. (Oséias, Crisálida)

Alencar considera que essa é a missão do pequeno editor:

Você não tem dinheiro ainda para contratar grandes autores, então está apostando em autores desconhecidos que as grandes editoras não apostam tanto. Acho a missão é bacana por causa disso, tem autores que estou publicando que não foram publicados. (Alencar, Quixote)

Essa posição dos entrevistados corrobora a fala de um pequeno editor alemão, citado por Schiffrin (2006):

Mas livros novos, estranhos, loucos, intelectualmente inovadores ou experimentais são publicados em tiragens pequenas ou médias. Isso é tarefa para as editoras menores. Nós mesmos. Essas editoras menores não são compostas de especialistas em marketing. Elas são formadas por pessoas que fazem livros por causa de suas paixões ou de suas opiniões veementes – certamente não por causa dos lucros que eles irão gerar. Livros que de outra forma jamais seriam publicados. (Wagenbach apud Schiffrin, 2006, p. 153)

Há um consenso entre os entrevistados sobre a principal dificuldade do pequeno editor: a distribuição. Devido a esse gargalo do mercado editorial, sobretudo para as pequenas editoras, Oséias afirma que está mudando o foco da Crisálida, firmando novas parcerias:

[...] percebi que eu posso continuar fazendo a parte que eu mais gosto, que é a produção do livro, e a comercialização ficar a cargo do parceiro. (Oséias, Crisálida)

Betinho destaca que o problema da distribuição só é minimizado quando há algum acontecimento diferente, como a conquista de um prêmio¹⁶:

Como eu não edito *best-sellers*, os distribuidores não querem dar atenção, a não ser quando meus autores ganham prêmio, daí todos ficam atrás do livro, com a chancela de um prêmio Telecom, prêmio de São Paulo. Então, aí voltam a prestar atenção naquilo que muitas vezes eu já mandei, o livro consignado. Daí, nesse momento, eles começam a perceber. (Betinho, Scriptum)

Questões atuais

Ao analisarem o mercado editorial de forma mais ampla, os entrevistados apontam questões que são lembradas de forma recorrente pelos profissionais do livro e que estão presentes nas preocupações e estratégias de sobrevivência de boa parte das pequenas casas editoriais do país: [a] o aumento da concentração com a presença cada vez maior de grupos estrangeiros, [b] a disputa crescente pelas obras de maior apelo comercial, os chamados *best-sellers*, [c] a dependência das compras governamentais e [d] a necessidade das pequenas editoras encontrarem nichos editoriais para atuação.

Esboçando conclusões

A existência de livreiros que atuam como editores, como se viu, não é novidade no campo editorial, embora os desafios enfrentados pelos empreendedores mudem de feição, com o tempo. Apesar de sua paixão pelos livros e de sua vontade como empresários, questões tecnológicas, logísticas e comerciais afetam a existência e a persistência destes atores sociais, o que não diminui em nada sua importância para a mudança e a inovação nas redes criativas e editoriais do livro. Os “quixotes” aqui mostrados atuam com consciência dos conflitos que os afetam, nas contiguidades e tensões entre a paixão e o comércio.

Os pequenos editores são, em geral, responsáveis pela aposta em novos autores e em obras que ainda serão “testadas” pelas dinâmicas deste mercado. Ser editor-livreiro traz ainda outras questões, como a da distribuição e a da garimpagem de talentos, que desafiem o leitor e as editoras maiores. O caso dos selos livrarias em Belo Horizonte tem

¹⁶ Em 2013, o livro *Antiterapias*, de Jacques Fux, publicado pela Scriptum, foi o vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria Autor Estreante (-40). Isso vem ocorrendo com outros pequenos selos, como é o caso da editora Patuá, de Eduardo Lacerda, em São Paulo, também ganhador do Prêmio São Paulo e indicado para vários Jabuti e Portugal Telecom. Em Natal, é o caso da editora Jovens Escribas, de Carlos Fialho. O caso destas, no entanto, é diferente, já que não atuam como livrarias, embora vendam seus livros por sites próprios.

características de um certo foco de resistência às redes especializadas (ou não) de livrarias, além da insistência em um modelo de atendimento e perfil que parece estar longe de morrer, enquanto existirem possibilidades fora das grandes redes ou dos *clusters* editoriais multinacionais. Nesse sentido, talvez as tecnologias digitais sejam ferramentas que impulsionem uma ação protagonista dos pequenos livreiros-editores, em um belo dribble nos movimentos lentos promovidos por equipamentos editoriais muito grandes e acomodados. É importante frisar, no entanto, que é trabalhoso e custoso ser livreiro-editor. Mas, ao que parece, nenhum deles quer deixar de ser.

Referências

- ABREU, Márcia. Duzentos anos: Os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010. p. 41-65.
- ARAÚJO, Diná M. P. Arduíno Bolívar Colección: reflexiones sobre una biblioteca particular. In: CONGRESO INTERNACIONAL LAS EDADES DEL LIBRO, 2012, Cidade do México. **Memorias del Congreso Internacional "Las Edades del Libro"**. México: Coordinación de Humanidades; IIB-BN/Hn; Fondo de Cultura Económica, 2012. v. 1. p. 620-6.
- BARCELLOS, Marília de A. As pequenas e médias editoras diante do processo de concentração: oportunidades e nichos. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010. p. 317-329.
- BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**, v. XIV, II série, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 57-83, 2002.
- CASTRO, Maria Céres et al. **Folhas do tempo**. Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte. 1895-1926. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.
- DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010. p. 67-87.
- LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?** Política para a cultura. Política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.
- MACHADO, Ubiratan. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- MARTINS, Jorge. **Profissões do livro**. Editores e gráficos, críticos e livreiros. Lisboa: Verbo, 2005.
- MATARELLI, Juliane; QUEIROZ, Sonia. (Orgs.) **Editoras mineiras**. Panorama histórico V.1. Belo Horizonte: Fale UFMG, 2009.

MATARELLI, Juliane; QUEIROZ, Sonia. (Orgs.) **Editoras mineiras**. Panorama histórico V.2. Belo Horizonte: Fale UFMG, 2009a.

PEIXOTO, Mariana. Editora Scriptum, de BH, se destaca pelo lançamento de jovens autores. **Estado de Minas**, Cultura, 6 dez. 2013. Disponível em: <http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2013/12/06/noticia_arte_e_livros,149248/editora-scriptum-de-bh-se-destaca-pelo-lancamento-de-jovens-autores.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2014.

QUEIROZ, Sonia. (Org.). **Glossário de termos de edição e tradução**. Belo Horizonte: Fale UFMG, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. Redes de edição e redes sociais: Cruzamentos e questões. **29º Encontro Nacional da ANPOLL**, UFSC, Florianópolis, 9-11 junho, 2014.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros**: como as grandes corporações decidem o que você lê. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SCHIFFRIN, André. **O dinheiro e as palavras**. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

TORRESINI, Elizabeth W. R. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010. p. 235-252.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**. Jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970). 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.